

❧ Sumário ❧

<i>Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá – Possibilidades Éticas e Estéticas do Romance Moderno Brasileiro – Marcos Scheffel</i>	9
--	---

VIDA E OBRA DE M. J. GONZAGA DE SÁ

Advertência	51
Explicação Necessária	53
I. O Inventor e a Aeronave	57
II. Primeiras Informações	71
III. Emblemas Públicos	77
IV. Petrópolis	81
V. O Passeador	87
VI. O Barão, as Costureiras e Outras Coisas	93
VII. Pleno Contato	103
VIII. O Jantar	117
IX. O Padrinho	127
X. O Enterro	149
XI. Era Feriado Nacional.....	163
XII. Últimos Encontros	183
Anotações para o Romance – 1906	191
Lima Barreto: Nota Biográfica	201
Notas	205
Referências Bibliográficas	257

❧ *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* ❧
Possibilidades Éticas e Estéticas do
Romance Moderno Brasileiro¹

MARCOS SCHEFFEL

Histórico de Publicação

Comparado com outras obras de Lima Barreto, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* é um livro pouco lido, pouco conhecido e pouco estudado. Os fatores que levaram um dos mais importantes romances do autor a essa situação são complexos e estão ligados às recepções das edições e ao pouco interesse das editoras ao longo das décadas – tudo isso contribuindo para um reduzido número de estudos sobre essa obra (artigos, dissertações, teses).

Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá teve sua edição de estreia em 1919, mas o projeto de um romance sobre o velho amanuense Gonzaga de Sá data de 1906. Essas anotações iniciais do romance foram coligidas por Francisco de Assis Barbosa – biógrafo e organizador das obras completas de Lima Barreto pela Brasiliense na década de 1950 – no volume *Diário Íntimo*. Nesses primeiros apontamentos, disponibilizados ao final desta edição, percebe-se que muito do romance já estava ali: cenas, cálculos sobre a idade das personagens, diálogos entre Gonzaga e o narrador. Mas há também mu-

1. Uso propositadamente o termo “moderno” para me referir à produção de Lima Barreto por acreditar que o autor acometeu algumas das principais questões ligadas à renovação estética, sempre procurando articulá-las com seu forte compromisso ideológico – fator que o aproxima dos romancistas de 1930.

danças visíveis: suprime-se o sobrenome Bragança do nome completo de Gonzaga de Sá e a morte do velho amanuense é mais dramática nos apontamentos. Também ocorre a supressão de um episódio de racismo relatado por Aleixo Manuel aos seus padrinhos.

Deve-se lembrar que entre esse primeiro projeto e a publicação do romance passaram-se mais de treze anos. Quando iniciara esses esboços, Lima Barreto era um escritor iniciante, que ainda não tinha editado seu primeiro romance (*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 1909). Era mais um daqueles tantos que frequentavam as rodas de cafés e as livrarias da capital da República fazendo projetos sobre obras por vir, que nem sempre vinham, já que muitos deles “pareciam mais empenhados em deixar anedotas do que obras” (Broca, 2005, p. 77).

No ano de 1907, vemos Lima Barreto publicando a revista *Floreale* com um grupo de amigos, dentre eles Antônio Noronha Santos, a quem *Vida e Morte* seria dedicado anos mais tarde. O periódico chegou apenas ao quarto número, mas foi nele que Lima Barreto apresentou os primeiros capítulos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Motivado pelos comentários positivos do renomado crítico José Veríssimo, Lima Barreto procura um editor para um dos seus projetos literários. Àquela altura, ele possuía dois projetos viáveis: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*². Lima Barreto resolveu submeter os originais do primeiro para apreciação do editor português A. M. Teixeira. Tal opção é explicada pelo autor em carta a Gonzaga Duque:

2. O livro não tinha ainda esse título como se pode ver nos apontamentos de 1906.

Era um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandeí as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente malfeito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar, e temo não que ele te escandalize, mas que te desagrade. (7 de fevereiro de 1909, *Correspondência Ativa e Passiva*, vol. 1, p. 169.)

O motivo da escolha de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é evidente: o conteúdo “escandaloso” do livro. A nota de escândalo estava nas duras críticas ao campo literário do período, mostrando como muitas famas da intelectualidade brasileira eram fabricadas na redação dos grandes jornais. Na visão de Lima Barreto, a escrita literária servia para muitos como forma de ascender socialmente e de barrar a ascensão de outros candidatos a escritor. Fora isso, era uma literatura de salão, bem-comportada, sem compromisso algum com as grandes questões sociais da época. Entre os criticados estavam João do Rio, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Figueiredo Pimentel, o gramático Cândido Lago, o proprietário do *Correio da Manhã*, Edmundo Bittencourt, entre outros.

Lima Barreto mexia num vespeiro... A recepção de seu romance foi péssima. Mesmo José Veríssimo, que manifestara entusiasmo ao ler os primeiros capítulos quando publicados na revista *Floreal*, foi categórico e criticou as caricaturas de pessoas influentes da época, prevendo que *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* só teria interesse para o tempo presente:

A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações e estados d'alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia

dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras. (5 de março de 1910, *Correspondência Ativa e Passiva*, vol. 1, p. 204.)

A previsão de Veríssimo não se confirmou. *Recordações* é um livro revelador tanto nas críticas que faz aos literatos do nosso início de século como na relação entre a imprensa e o poder. Pode-se ler o romance sem as chaves que denunciam os nomes por trás das caricaturas, centrando-se na desilusão do narrador-personagem com a cidade letrada e com a chamada *intelligentsia* brasileira. Ademais, cenas como a do jovem Isaías Caminha sendo interrogado na delegacia como suspeito de um roubo apenas por ser negro têm uma atualidade perturbadora.

- Qual é a sua profissão?
- Estudante.
- Estudante?!
- Sim, senhor, estudante – repeti com firmeza.
- Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, por que não o podia ser eu? Donde lhe vinha a admiração duvidosa? Quis-lhe dar uma resposta mas as interrogações a mim mesmo me enlevavam. Ele, por sua vez, tomou o meu embaraço como prova de que mentia.

Com o ar de escarninho perguntou:

- Então você é estudante?

Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o senti-